

História e Arqueologia no norte da África: a emergência dos Garamantes no Fazazan (séc. III a.C. - VI d.C.)

BELCHIOR MONTEIRO LIMA NETO¹

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Intencionamos, neste artigo, analisar a imagem eivada de alteridade e de estigmatização construída em relação aos habitantes do interior da região conhecida na Antiguidade como Líbia/África, tomando como documentação de análise autores latinos do período imperial romano, tais como Plínio, o Velho, Pompônio Mela, Tácito e Apuleio. Partindo desta constatação, presente nas fontes escritas, buscaremos contrapô-las com as mais recentes investigações históricas e arqueológicas, que demonstram a pujança, evidenciada pelos trabalhos realizados pelos pesquisadores associados ao *Fazazan Project*, do Estado Garamante no deserto do Saara, constituindo uma sociedade urbana hierarquizada e estruturada em torno de uma exploração agrícola com sofisticada tecnologia hidráulica.

Palavras-chave: Historiografia; Literatura latina; Garamantes.

Abstract: In this article, we intend to highlight the image of otherness and stigmatization built on inland's inhabitants of the region known in Antiquity as Libya/Africa, taking as documentary evidence latin authors of the Roman imperial period, such as Pliny, the Elder, Pomponius Mela, Tacitus and Apuleius. Based on this, which is present in the written sources, we want to oppose them with the most recent historical and archaeological investigations, demonstrating the strength, evidenced by the work carried out by the researchers associated with the *Fazazan Project*, of the Garamante State in Saara desert, with a hierarchical urban structure, being structured around a farm with sophisticated hydraulic technology.

Keywords: Historiography; Latin Literature; Garamantes.

Recebido em 14/08/2019 e aceito em 21/10/2019.

1. Professor de História da África do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenador Adjunto e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (Ufes). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES), tendo pesquisa financiada pelos Editais Universais do CNPq e Fapes.

Introdução

O início das investigações referentes à História do Norte da África na Antiguidade remonta ao final do oitocentos, tendo sido, em grande medida, pautado pelo contexto do expansionismo imperialista europeu. Buscando no Mundo Antigo um paralelo e uma justificativa para as ações colonizadoras no presente, diversos autores – especialmente franceses, italianos e ingleses – encontraram no Império Romano um campo propício para legitimar a dominação colonial, ressaltando-se os benefícios da civilização romana num período em que as potências europeias se apresentavam como herdeiras naturais da antiga Roma.

René Cagnat (1913, p. 776), um dos mais importantes classicistas franceses à época, exprime bem os sentimentos de seus pares em relação às equivalências entre o imperialismo moderno e o romano, afirmando:

Nós podemos, portanto, sem medo comparar nossa ocupação da Argélia e da Tunísia àquela das mesmas províncias africanas pelos romanos. Como eles, nós conquistamos gloriosamente a região, como eles, nós asseguramos a ocupação, como eles, nós tentamos transformá-la à nossa figura e ganhá-la para a civilização.

As palavras de Cagnat expressam uma percepção hegemônica do período, a de identificar a história romana em África como parte do passado europeu. Na visão da época, franceses, italianos, ingleses, em suas ações imperialistas, estavam tão somente retomando suas antigas possessões territoriais, fato que contribuiu para a consolidação daquilo que Claude Lévy (2016, p. 416-437) denomina como “Épica do retorno”. Não por acaso, Gaston Boissier (apud FEVRIER, 1989, p. 89), em 1891, em seu discurso no *Congrès des Sociétés Savantes*, sentenciava: “Nós viemos continuar uma grande obra de civilização [...], retomamos a posse de um antigo do-

mínio, e esses velhos monumentos [...] são precisamente nossos títulos de propriedade”.

A reivindicação da herança europeia no Norte da África baseava-se em uma completa desconsideração das tradições púnica e líbia, percebidas, em termos civilizacionais, como bárbaras e/ou inferiores. A prosperidade e a riqueza das Províncias romanas na região, evidenciadas pelas ruínas dos inúmeros mosaicos, edifícios públicos e monumentos, relacionavam-se, sobretudo, às realizações de migrantes itálicos ou de norte-africanos aculturados pelo processo de romanização, conceito que à época pressupunha a transformação completa do nativo em romano pela aceitação voluntária dos padrões estéticos, língua e costumes de seus conquistadores (MENDES, 2007, p. 38-39). Considerava-se, em resumo, que havia um desnível cultural entre romanos e autóctones, uma percepção que evidenciava e reforçava a construção de pares dicotômicos como civilizado/primitivo, europeu/africano.

A partir da década de 1960, com a consolidação da descolonização de países como Argélia, Marrocos, Líbia e Tunísia, nações que na Antiguidade correspondiam, *grossa modo*, às Provinciais romanas no Norte da África, a produção historiográfica tomou um novo rumo, emergindo uma perspectiva que se autodenominava “descolonizada” em oposição à corrente anterior, considerada eurocêntrica e intitulada “colonizada”. Autores como Laroui (1970), Kaddache (1971) e Benabou (1976) pautaram suas pesquisas em novos vieses acadêmicos, enfatizando a ubiquidade dos conflitos locais contra a autoridade romana e a ocorrência de revoltas nativas como as de Jugurta e Tacfarinas, tomadas como exemplos da resistência contínua e organizada dos norte-africanos à dominação estrangeira (MATTINGLY, 2011_a, p. 59-60).

Tal postura historiográfica pós-colonial, entretanto, não rompera

com as dicotomias anteriormente estabelecidas por vieses de pesquisa considerados eurocêntricos. Se antes o par dicotômico romano/autóctone tendia à valorização das tradições latinas, agora a ênfase recaía na beligerância nativa, sempre apta a resistir à usurpação estrangeira. De modos diversos, ambas as correntes historiográficas reproduziam um *locus* literário recorrente em autores do período imperial romano, isto é, o de atribuir aos grupos étnicos considerados *outsiders* ao domínio romano e que não viviam num *habitat* urbano características associadas com a barbárie e a belicosidade. Nas obras de autores latinos como Plínio, o Velho, Pompônio Mela, Tácito e Apuleio, verifica-se uma descrição estigmatizada dos habitantes do interior norte-africano, identificados comumente como rebeldes, bandidos, incivilizados, nômades e selvagens. Por conseguinte, fiando-se numa lógica logocêntrica de interpretação documental, tanto “colonizados” quanto “descolonizados” reafirmaram a mesma miragem presente nas fontes antigas.

A despeito das novas concepções historiográficas emergentes nas últimas décadas, presentes em obras como *Apuleius and Africa* (2014), *Vandals, romans and berbers* (2016) e *Imperialism, power and identity* (2011), que rompem com as dicotomias anteriormente estabelecidas e enfatizam o caráter multifacetado e híbrido das relações romano-líbias na Antiguidade, as interpretações “colonizadas” e “descolonizadas” ainda se mantêm como lugares de memória. É preciso admitir que arrancar pela raiz os preconceitos não é tarefa das mais fáceis, sendo as mais recentes perspectivas históricas somente conhecidas por um círculo restrito de especialistas, encontrando dificuldade de se impor para um público mais amplo, instruído com imagens esquemáticas, dicotômicas e de fácil compreensão. Exemplo disso, é a pouca repercussão de um dos mais recentes e relevantes estudos arqueológicos realizados no interior da atual Líbia, conhecido como *Fazzan Project*. As investigações anglo-líbias levadas a cabo entre os anos de 1997 e 2001 e

publicadas nos quatro volumes de *The Archaeology of Fazzan* (2003; 2007; 2010; 2013) lançaram nova luz sobre o antigo Estado Garamante nos confins do deserto do Saara, evidenciando a existência de uma complexa sociedade urbana, estruturada em torno de uma exploração agrícola com sofisticada tecnologia hidráulica e enriquecida com o comércio transaariano.

Buscando romper com as tradicionais interpretações historiográficas – **há décadas** superadas, mas ainda em voga no senso comum –, intencionamos, com o presente artigo, contrapor as representações eivadas de alteridade e de estigmatização presentes em autores latinos de época imperial romana – Pompônio Mela, Plínio, o Velho, Tácito e Apuleio – com as mais recentes investigações histórico-arqueológicas realizadas na região do Fazzan. Tal expediente, além de oferecer novas perspectivas de compreensão em relação às sociedades saarianas antigas, demonstra-nos a própria potencialidade da aproximação cada vez mais frutífera e recorrente dos estudos clássicos com a cultura material, abrindo possibilidades ainda pouco exploradas de pesquisa e de reflexão acerca da Antiguidade africana.

A Ideia de África na Antiguidade grecolatina

Na obra *A ideia de África* (2013), Valentin Mudimbe analisa a apropriação setecentista e oitocentista de uma **série de textos** de autores antigos referente ao continente africano e a seus habitantes, compreendidos por intermédio de uma grelha interpretativa influenciada por um olhar que pressupunha a inferioridade congênita dos africanos, fenômeno que foi determinante na própria cunhagem do conceito de África no período contemporâneo. Partindo das considerações de Mudimbe (2013), procuramos perscrutar as representações construídas por alguns escritores

de época imperial romana acerca da África e dos africanos,² principalmente daqueles que habitavam fora das cidades “romanizadas” existentes na região,³ descritos, com frequência, como belicosos, bandidos, nômades e selvagens.

Essa representação eivada de alteridade⁴ e de estigmatização,⁵ comumente associada aos grupos líbios nômades que habitavam a região meridional do Norte da África, foi originalmente cunhada por Heródoto no século V a.C. Em suas *Histórias* (IV, 145-205), o autor constrói uma delimitação espacial que se tornou canônica no Mundo Antigo, separando o que ele denomina como Líbia em três áreas distintas: costa oeste, habitada por fenícios cartagineses e por líbios sedentarizados e influenciados pela cultura púnica; costa leste, ocupada por helenos (cireneus) e por autóctones que lhes imitavam os usos e costumes; e interior além do *habitat* das bestas selvagens, perfazendo um território que se estendia dos oásis próximos ao Alto Egito até a costa Atlântica. Esta última região, limítrofe às terras

2. Foi considerada, em nossa investigação, a delimitação geográfica comumente utilizada na Antiguidade greco-romana acerca da África – também denominada pelos antigos como Líbia –, que se restringia à região norte do continente, mais especificamente ao território que se estendia, no sentido norte/sul, entre a costa Mediterrânea e o Deserto do Saara, e leste/oeste, entre os atuais Marrocos e Líbia.

3. Utiliza-se o conceito de romanização em consonância com Greg Woolf (1998, p. 7), que o percebe como um termo guarda-chuva para abarcar os múltiplos processos de mudanças socioculturais, multifacetados em termos de significados e mecanismos, que tiveram início com o relacionamento entre os padrões culturais greco-romanos e a diversidade cultural provincial.

4. A Alteridade pode ser pensada como um componente básico no processo de identificação, construído a partir de sistemas classificatórios, que organizam e ordenam a realidade, os objetos e os seres, em classes diversas, auxiliando, portanto, na produção de sentido e significação por meio da diferença (WOODWARD, 2000, p. 40-50).

5. Conceitua-se estigmatização, em consonância com Erving Goffman (1988, p. 70), como uma discrepância entre uma identidade social virtual – determinada aos indivíduos por meio das expectativas normativas – e uma identidade social real – aquilo que as pessoas efetivamente são. Em suma, os indivíduos e/ou grupos estigmatizados são tidos como desajustados, não se enquadrando nas normas sociais e possuindo uma identidade decaída, deteriorada, diminuída frente àquela que é considerada “normal” e desejável.

tórridas do deserto, era, na percepção de Heródoto (*Historiae*, IV, 183, 4), habitada por indivíduos nômades, selvagens, com traços inumanos a exemplo dos Trogloditas, “[...] que se alimentam de cobras, lagartos e outros répteis; quanto à língua, falam uma que com nenhuma outra se parece e dão gritos agudos como os morcegos”.

Essa percepção espacial construída por Heródoto tornou-se uma convenção literária no período imperial romano, sendo reproduzida de forma uníssona pelos autores que descreveram a África/Líbia à época. Salústio (*Guerra de Jugurta*), Estrabão (*Geografia*), Pompônio Mela (*Corografia*), Plínio, o Velho (*História Natural*), Tácio (*Anais; Histórias*), Apuleio (*Metamorphoses*),⁶ Cláudio Ptolomeu (*Geografia*) são alguns exemplos de escritores grecolatinos que seguiram o *locus* herodotiano, quer dizer, o paradigma retórico que percebia a ocorrência de um gradativo aumento da barbárie e da belicosidade à medida que se afastava da costa Mediterrânea (políade) e se aproximava dos confins do deserto meridional, território caracterizado pela inexistência de cidades e pelo nomadismo (MATTINGLY, 1994, p. 21-22).⁷

Pompônio Mela, em meados do século I, em sua *Corografia* (I, 4, 22-24), identifica uma variedade de povos habitando o interior norte-africano,

6. Propomos a hipótese de que as *Metamorphoses*, mesmo tendo como cenário de encenação de suas narrativas a Grécia, falam de uma realidade tipicamente norte-africana, de situações vivenciadas por seu autor e pela sociedade à qual pertencia. Acreditamos que a utilização da Grécia como local de realização dessa novela latina pode ser entendida como um recurso bastante utilizado por diversos autores no Mundo Antigo, principalmente por aqueles ligados ao movimento denominado de Segunda Sofística, que preferencialmente ambientavam as suas histórias tendo em vista a Grécia Clássica, considerada o berço da cultura greco-romana (LIMA NETO, 2014, p. 20).

7. Os romanos associavam civilização à cidade, percebendo-se civilizados porque pertenciam a uma cidade. A *civitas*, enquanto o conjunto dos cidadãos, era o centro da vida romana, sendo um território intramuros que isolava os cidadãos do mundo bárbaro exterior. Os marcos espaciais urbanos – fórum, teatro, anfiteatro, termas, templos, estátuas, muralhas – davam sentido à existência dos romanos, representavam a sua historicidade e agiam como fatores de identificação da elite municipal (LIMA NETO, 2014, p. 19).

o que, apesar de possíveis simplificações e imprecisões, pode nos servir de guia:

O [interior] é ocupado pelos nômadas e mauros, mas os mauros estão também voltados para o Atlântico. Além, estão os nigritas e os farusianos até os etiopes. [...] Abaixo das terras banhadas pelo mar Líbico se encontram os líbios egípcios, os leucoetiopes e o povo numeroso e diverso dos gétulos. Em seguida, se estende, numa única extensão uma vasta região desértica inabitável. Depois, os primeiros povos, que se encontram, são, dizem-nos, no oriente, os garamantes, após os agüles e os trogloditas, e por último, os atlantes.

Toda essa variedade de povos era tida como indivíduos nômades e incivilizados, desprovidos da *humanitas* típica dos habitantes das cidades.⁸ Recorrendo novamente a Pompônio Mela (*Corografia*, I, 7), verifica-se a associação dos membros destes grupos com a barbárie:

[...] no interior não tem cidades, mas fazem um tipo de residência que se chama *mapales*; sua maneira de viver é violenta e imunda. Os chefes da nação se cobrem de sarjas de lã, e o resto do povo de peles de bestas selvagens ou daqueles seus trapos; eles não têm outra cama nem outra mesa que a terra; [...] eles comem somente carne, e o mais frequentemente de animais ferozes, pois, tanto quanto podem, eles não tocam em seus rebanhos, que são sua única riqueza. Além disso, são homens ainda mais grosseiros, que seguem ao acaso seus rebanhos nas pastagens. [...] Entre os povos que existem, diz-se, além dos desertos, estão os Atlantes, que amaldiçoam o sol ao acordar e ao dormir, como um astro funesto aos habitantes e ao país [...] e não têm sonhos durante seu sono, como os outros homens. Os Trogloditas não possuem nada; sua voz é menos que sons articulados, apenas gritos agudos;

8. “*Humanitas* [...] designa os seres humanos que são dignos do nome de homem por não serem bárbaros, nem inumanos, nem incultos. *Humanitas* significa cultura literária, virtude de humanidade e estado de civilização” (VEYNE, 1991, p. 283).

eles habitam em cavernas e se alimentam de serpentes. [...] Nenhum deles [os Garamantes] tem uma esposa particular, e, entre as crianças que nascem desta promiscuidade, a filiação se regula sobre a semelhança. [...] Os Ganfasantes andam nus, e não conhecem o uso das armas, seja para se defenderem seja para atacar; é por isto que eles fogem ao encontrar outros homens, e que eles têm somente comércio ou conversação com os de mesma natureza.

Representação afim à de Pompônio Mela pode ser verificada em seu contemporâneo Plínio, o Velho. Na obra *História Natural* (V, 45-46), o *locus* de alteridade e de estigmatização frente aos líbios nômades do interior, habitantes de uma África não urbana e bárbara, é novamente explicitado:

A tribo dos Atlantes é primitiva e sub-humana. [...] Eles não chamam uns aos outros por nomes. Quando observam o sol [...], proferem maldições terríveis, acusando-lhe de ser a causa de seu desastre e de suas terras improdutivas. Nenhum deles sonha, como o restante da humanidade. Os Trogloditas escavam cavernas que são suas casas, sua comida é carne de cobra. Eles não têm voz, e fazem um barulho estridente, inviabilizando qualquer tipo de comunicação [...]. Os Garamantes não se casam, vivendo em promiscuidade com suas mulheres. Os Ganfasantes não usam roupas, não lutam e não se associam a nenhum estrangeiro. Os Blêmios são relatados como sendo sem cabeça; sua boca e os olhos estão ligados ao seu peito. Os Sátiros não têm características humanas, exceto a sua forma; são comumente descritos na forma do deus Pan [homens-cabra]”.

No início do século II d.C., Tácito incluía em seus *Anais* (II, 52; III, 74; IV, 23-26) a atuação de grupos líbios insurgentes à ordem romana. Sua narrativa acerca da revolta de Tacfarinas (14-27), descrita no contexto das críticas elaboradas pelo autor ao Principado de Tibério, foi também influenciada pelo paradigma herodotiano de barbárie e selvageria presente nos confins meridionais da África. Numa perspectiva que reforçava a alteridade

da coalisão de povos líbios sob a liderança de Tacfarinas – Musulânios, Mauros, Ciníticos, Garamantes –, os rebelados são representados com rótulos estigmatizantes, tais como “vagabundos”, “salteadores”, “ladrões”, “bárbaros”, “gente pobre e de maus costumes”, “sem costume de viver em cidades” e que espalhavam o “terror com assaltos e incêndios” (Tácito, *Annales*, II, 52; III, 74; IV, 23; IV, 25; BUSTAMANTE, 2011, p. 16).

A perspectiva de Tácito acerca da África e de seus habitantes, principalmente daqueles que viviam no interior do continente, vem novamente à tona em outra obra do autor. Em suas *Histórias* (IV, 50), ao narrar o episódio de conflito fronteiriço entre duas cidades costeiras norte-africanas, Lepcis e Oea, Tácito afirma acerca da atuação dos Garamantes:⁹

[...] o povo de Oea, inferior em número, havia chamado em seu auxílio os Garamantes, gente indômita e dada ao saque de seus vizinhos. Daí, o povo de Lepcis se encontrara em grandes apuros e, com suas terras arrasadas em grande extensão, estivera amedrontada em suas muralhas, até que intervieram as cortes [do exército romano], que derrotaram os Garamantes e recuperaram todo o botim, exceto o que os nômades haviam vendido aos povos do interior.

Outro autor que também estigmatiza os grupos errantes que habitavam o interior norte-africano é Apuleio. A despeito de ser natural de Madaura,¹⁰ colônia romana na Numídia, Apuleio reproduzia uma perspectiva similar aos dos demais autores latinos aqui analisados, fato que evidencia a apropriação dos *locus* herodotiano pela própria elite cidadina romano-africana, que comungava, em grande medida, de uma percepção pejorativa em relação aos

9. Esse episódio da atuação Garamante em Lepcis também foi rememorado a partir de uma fonte musiva de finais do século II d.C., o denominado *Mosaico dos Gladiadores*, erigido na vila de Zliten, próxima à cidade de Lepcis. Ver Aurigemma (1960, *plate* 137; 151; 154; 156) e Dunbabin (2012, p. 120-121).

10. Sobre a biografia de Apuleio, ver Lima Neto (2018).

líbios nômades do *hinterland*, tidos como indivíduos belicosos e potenciais inimigos à ordem urbana local.¹¹ Na obra *Metamorphoses* (I, VII; I, XI; I, XV; I, XXIII; II, XIV; II, XXXII; III, V; III, XXVII; IV, VIII; IV, XII; IV, XVIII; IV, XXVI; VI, XXX; VII, I; VII, V; VIII, XV; VIII, XVII; VIII, XVIII), Apuleio constrói uma representação estigmatizada dos *latrones* como grupos errantes,¹² paramilitares e que ubiquamente praticavam razias a cidades, sendo adjetivados como “gladiadores”, “animais”, “similares a centauros”, “miseráveis”, “selvagens”, “bárbaros”, “inumanos”, “semíferas” e “feras”.

Vê-se, portanto, a força do *locus* retórico herodotiano presente nos textos de autores latinos dos séculos I e II d.C. Pompônio Mela, Plínio, o Velho, Tácito e Apuleio explicitam uma percepção hegemônica no período imperial romano em relação ao *hinterland* no Norte da África, concebido ora pelo viés da barbárie e da incivilização, ora por meio de um olhar enviesado que enfatiza a beligerância dos povos nômades locais, sempre aptos a se opor ao domínio romano. Diante desta representação literária, pode-se conjecturar acerca de sua decisiva influência nas duas tradicionais correntes historiográficas que tomaram o Norte da África romano como objeto de investigação. “Colonizados” e “descolonizados”, por meios diversos e fiando-se numa lógica que privilegiava as fontes escritas sobre as demais matrizes documentais, reproduziam um modelo clássico que corroborava

11. Corroborando com a perspectiva de que a elite cidadina romano-africana também reproduzia um olhar pejorativo acerca do território extra-urbano, pode-se elencar duas fontes musivas que apresentam a aplicação da *Damnatio ad bestias* (lançamento de condenados às feras no Anfiteatro) contra membros de grupos nômades locais: o *Mosaico dos Gladiadores*, na vila de Zliten; e o *Mosaico da Domus Sollertiana*, na cidade de Thysdrus (AURIGEMMA, 1960, *plate* 137, 151, 154, 156; FANTAR, 1994, p. 23-25).

12. Acreditamos que haja uma associação deliberadamente construída por Apuleio entre os *latrones* e os grupos nômades no Norte da África. Neste sentido, além da afinidade de viverem uma vida errante e de serem tidos como inimigos potenciais à ordem urbana, com seus assaltos e razias às cidades, não se pode passar despercebido um trecho das *Metamorphoses* (IV, VI) em que Apuleio relaciona os *latrones* a um modo de vida pastoril (LIMA NETO, 2014, p. 70).

com uma visão pejorativa em relação aos povos líbios locais, concepção que as escavações realizadas nas últimas duas décadas no sítio arqueológico no Fazzan, território ocupado pelos Garamantes na Antiguidade, vêm desautorizar.

Os Garamantes do Fazzan

O Fazzan era uma região externa à *oikoumene*¹³ romana e que fazia fronteira com o *limes* meridional da Tripolitânia,¹⁴ constituindo um território que se localizava nas franjas setentrionais do Deserto do Saara (Mapa 1). Correspondia, *grosso modo*, a três cadeias de oásis encrustados em declives montanhosos abastecidos por aquíferos subterrâneos, o Wadi ash-Shati, o Wadi al-Ajal e o Wadi al-Nashwa (Mapa 2). A região é caracterizada por possuir um clima desértico, com precipitação diminuta e não superior a 12 mm anuais, alcançando, no verão, temperaturas próximas de 50° C. Neste território, aparentemente inóspito e infértil, emergiu, em decorrência de sua posição central no comércio à longa distância e da exploração hidráulica de seus lençóis freáticos, uma civilização antiga pouco conhecida pelas fontes clássicas, mas hoje evidenciada pelas recentes escavações arqueológicas (MATTINGLY, 2003, p. 1-8).

13. A *oikoumene*, segundo a concepção romana, seria a percepção de que Roma exercia a dominação completa sobre todo o mundo habitado, possuindo um *imperium sine fine* dividido em territórios diretamente administrados pelo Estado romano e aqueles tidos como *externae gentes* (HIDALGO DE LA VEGA, 2005).

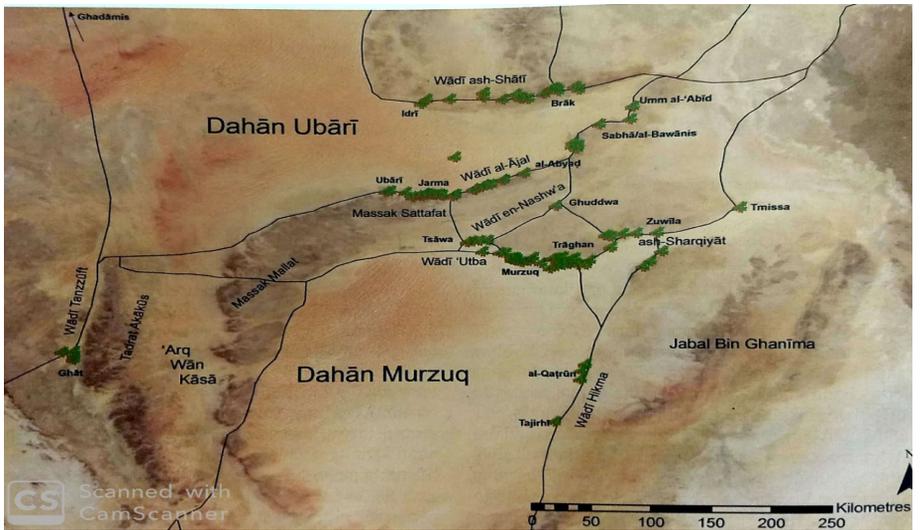
14. O *limes* romano na África (*fossatum Africae*) não constituía uma linha ininterrupta de separação entre o mundo romano e o exterior, mas, ao invés disso, se caracterizava como uma região de contato entre diferentes culturas. Era formada por uma linha descontínua de fortes e estradas que dificilmente se poderia interpretar como um *limes* de defesa contra as ameaças externas. Correspondia, na realidade, a uma rede complexa de controle, administração e taxação dos movimentos das tribos seminômades que habitavam a região meridional e que sazonalmente atravessavam a fronteira à procura de pastos que fossem suficientemente abundantes aos seus rebanhos (CHERRY, 2005, p. 24-74).

Mapa 1 – Fazzan no Norte da África, com destaque para o Wadi al-Ajal



Fonte: Mattingly (2003, p. 5)

Mapa 2 – Cadeias de oásis no Fazzan



Fonte: Mattingly (2003, p. 4)

As três cadeias de oásis localizadas no Fazzan eram, na Antiguidade, habitadas por um povo líbio denominado pelas fontes grecolatinas como Garamantes.¹⁵ A partir das escavações realizadas nas diversas camadas de sedimentos arqueológicos analisados pelos pesquisadores vinculados ao *Fazzan Project* nos sítios do Wadi al-Ajal e Wadi al-Nashwa, estima-se que os Garamantes organizaram uma entidade política estável e centralizada, com capital na cidade de Garama, entre os séculos III a.C. e VI d.C., constituindo uma sociedade urbana com um sofisticado sistema agrícola e comercial (STERRY; MATTINGLY, 2013, p. 504-505).

Os Garamantes caracterizavam-se por possuir uma complexa hierarquia urbana, organizada em torno de duas grandes cidades nodais, que perfaziam centros militares, administrativos e comerciais compostos por uma população estimada entre cinco e três mil habitantes: Garama, localizada no Wadi al-Ajal; e Qasr ash-Sharraba, no Wadi al-Nashwa. Em torno destes dois centros, gravitavam uma série de composições urbanas menores, habitadas por centenas de pessoas e provavelmente dependentes das metrópoles regionais.¹⁶ Ao observar a Figura 1, com a representação dos sítios satélites a Garama e a Qasr ash-Sharraba, percebe-se a existência, na periferia de ambas as cidades, de inúmeras aldeias, *Qsurys* (fortalezas militares), vilas abertas guarnecidas por *Qsurys* e vilas fortificadas com muralhas. Foram catalogadas, no em torno de Garama, um sofisticado sistema urbano composto por 107 aldeias e *Qsurys*, 37 vilas abertas guarnecidas e 51 vilas fortificadas, o que permitiu aos investigadores do *Fazzan Project* estimar uma população total entre 50 e 100 mil habitantes (MATTINGLY, 2013, p. 525-534).

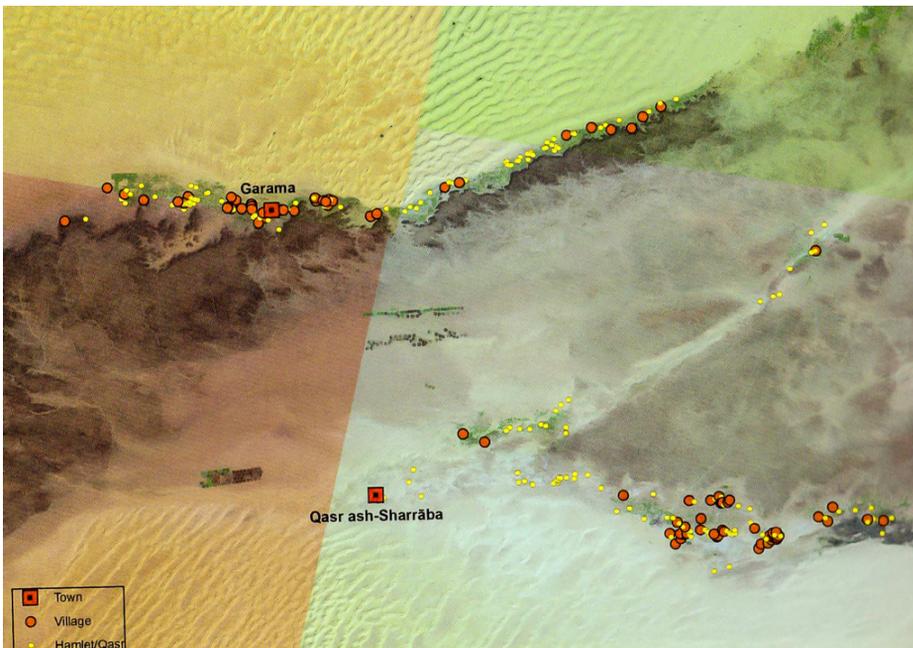
Garama era provavelmente a capital dos Garamantes, ao crermos

15. Para uma referência pormenorizada das citações presentes nas fontes literárias antigas acerca dos Garamantes do Fazzan, ver Mattingly (2013, p. 76-79).

16. Garama foi chamada de *metropolis* dos Garamantes por Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, V, 35).

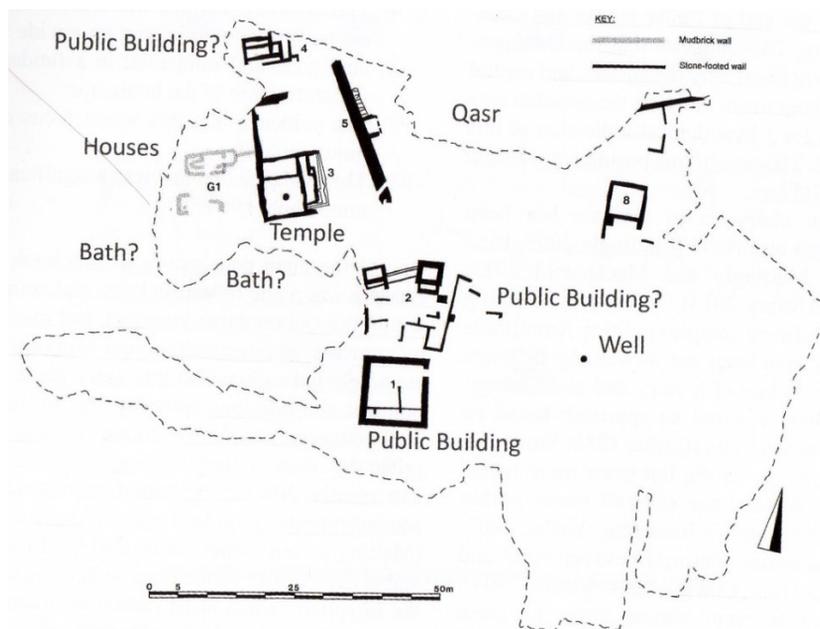
nos testemunhos de Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, V, 35) e de Cláudio Ptolomeu (*Geographia*, IV, VI, 12). Tal possibilidade é corroborada pelos próprios resultados das escavações arqueológicas realizadas em seu sítio urbano, demonstrando que a cidade possuía um centro monumental com as mais imponentes construções citadinas do Fazzan, caracterizando-se como um núcleo administrativo formado por uma série de prédios e templos públicos (Figura 2), destinados, com grande probabilidade, a auxiliar um governo centralizado politicamente e sob o comando de um rei (Ptolomeu, *Geographia*, I, VIII). Destaca-se, na paisagem citadina de Garama, ademais, a existência de um templo religioso com inegáveis influências arquitetônicas mediterrânicas, fato que abre possibilidades ímpares de investigação acerca das apropriações da cultura greco-romana entre os Garamantes (MATTINGLY, 2013, p. 290-291).

Figura 1 – Sistema urbano no Wadi al-Ajal e Wadi Nashwa



Fonte: Mattingly (2013, p. 528)

Figura 2 – Centro monumental de Garama



Fonte: Mattingly (2013, p. 289)

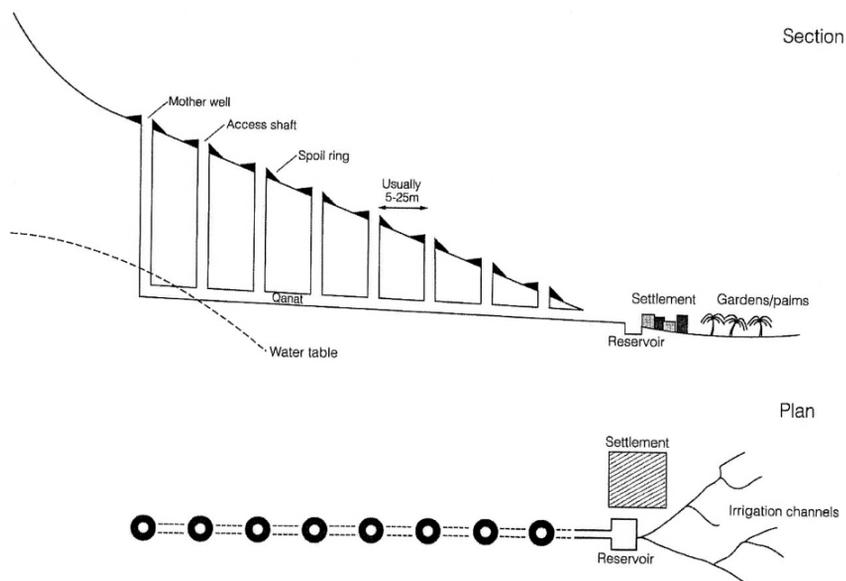
A organização urbana construída pelos Garamantes no Fazzan era mantida por um sofisticado sistema de irrigação, que servia às necessidades de consumo de uma população numerosa – estimada entre 50 e 100 mil habitantes – e às demandas da produção agrícola local, fornecendo as condições indispensáveis à ocupação de um território de clima desértico. Os denominados *fogaras* – uma tecnologia de captação fluvial típica das regiões áridas no Mundo Antigo –,¹⁷ baseavam-se na drenagem de água

17. Os *fogaras* foram provavelmente inventados na Pérsia no início do I milênio a.C., difundindo-se, a partir do Egito, no século V a.C., para as demais regiões de clima desértico do Norte da África, como Fazzan, Marrocos e Númídia (WILSON; MATTINGLY, 2003, p. 39).

de lençol freático por meio de túnel subterrâneo, utilizando a gravidade proporcionada por um declive no terreno. Como demonstrado na Figura 3, os *fogaras* no Fazzan consistiam em canais escavados no subsolo e acessíveis por meio de poços artesianos com profundidade de até 40 metros, construídos a uma distância de 5 a 25 metros entre eles, cuja principal função era a de proporcionar a limpeza periódica do canal principal (WILSON; MATTINGLY, 2013, p. 37).

Os *fogaras* se tornaram marcas distintivas da paisagem do Fazzan, perfazendo um total de 617 somente no Wadi al-Ajal, o que equivalia a mais de 100 mil poços escavados e a um sistema de irrigação com cerca de mil quilômetros de extensão. Tais canais subterrâneos conectavam-se diretamente aos diversos ambientes urbanos de época Garamante, abastecendo cidades, vilas, aldeias e *Qsurs*, além de seus respectivos campos agrícolas adjacentes (Figura 3). Em grande medida, a tecnologia hidráulica utilizada pelos Garamantes na Antiguidade garantiu a produção de culturas diversas – cevada, figueira, trigo, tâmara, sorgo são atestados pelos dados botânicos levantados pelo *Fazzan Project* –, provavelmente destinadas à subsistência da população local e à exportação, como demonstram duas ostracas provenientes do forte romano de *Bu Njem*, localizado no *limes tripolitanus*, que descrevem Garamantes abastecendo com cevada a guarnição fronteiriça (WILSON; MATTINGLY, 2003, p. 37; MATTINGLY, 2011, p. 53; MARICHAL, 1992; OLIVEIRA, 2012, p. 185-186).

Figura 3 – Sistema de *fogara* no Fazzan



Fonte: Mattingly (2003, p. 235)

Outra atividade econômica relevante no Fazzan consistia nas trocas comerciais, principalmente as de longa distância, como as relacionadas à carreira transaariana. Indo de encontro às concepções de Brett (2006, p. 271), que considera as rotas que ligavam a África Subsaariana ao Mediterrâneo um apanágio da época islâmica, Liverani (2006, p. 458-459) e Mattingly (2011_b, p. 50-52) afirmam que desde o século VI a.C. a travessia do Saara era realizado por grupos líbios especializados no comércio – a exemplo dos próprios Garamantes –, o que pode ser demonstrado pelos comentários de Heródoto (*Historiae*, IV, 183-185) acerca das jornadas regulares que ligavam o oásis de Siwa – no Egito – à bacia do rio Níger, atravessando o Fazzan.¹⁸ Fonte importante para corroborar a participação

18. Corroborando com as ligações comerciais antigas da África Subsaariana com o Mediterrâneo, Fenn et al (2009) investigaram as diferentes peças de bronze, datadas entre

dos Garamantes no comércio transaariano são os artefatos encontrados nos cemitérios localizados em Wadi al-Ajal, compostos por produtos de proveniência diversa, tais como ânforas, lamparinas e vidros romanos, além de joias, pulseiras e marfim subsaarianos (Figura 4). Esses dados documentais confirmam a posição estratégica do Fazzan como espaço de intermediação entre o Norte da África e as regiões ao sul do Deserto do Saara.

Não à toa, as fontes antigas são pródigas em suas afirmações acerca da especialidade mercantil dos Garamantes. Tácito (*Analles*, II, 52; III, 74; IV, 23-26; *Historiae*, IV, 50) os compreende, a título de exemplo, como exímios interceptadores de bens roubados, repassando os produtos adquiridos dos salteadores aos povos do interior do continente. Cláudio Ptolomeu, em sua *Geografia* (I, VIII), narra o episódio das expedições diplomáticas de *Septimius Flacus* (89 d.C.) e de *Julius Maternus* (98 d.C.), nas quais os generais romanos acompanham o rei dos Garamantes em seus contatos comerciais com a lendária Agisymba, nome dado à região do Lago Chade na Antiguidade. Por fim, não se pode deixar de registrar as próprias ostracas do forte de *Bu Njem*, provas irrefutáveis das relações mercantis dos Garamantes com o Império Romano (MARICHAL, 1992; OLIVEIRA, 2012, p. 185-186).

Figura 4 – Artefatos mediterrânicos e subsaarianos no Fazzan

os séculos II a.C. e IX d.C., encontradas nos cemitérios de Kissi (atual Burkina Faso). Após análises químicas realizadas nos artefatos metálicos descobertos nas escavações, concluiu-se por sua procedência mediterrânica e pela ocorrência de um tráfico transaariano pré-islâmico no continente africano.



Fig. 6.45. Imported grave goods from burials near Jarma: a) GER 11 contents of burial 15; b) lamps; c) Italian sigillata; d) glass; e) Tripolitanian amphora; f) jewellery.

Fonte: Mattingly (2003, p. 235)

Observa-se, a partir dos inúmeros dados documentais aqui analisados e fornecidos pelas escavações arqueológicas realizadas no Fazzan, a evidenciação de um quadro distinto daquele pintado por diversos autores latinos. Ao contrário do *locus* herodotiano de nomadismo, barbárie e belicosidade, os artefatos, monumentos, edifícios, cidades e técnicas de irrigação trazidos à luz pelo *Fazzan Project* apresentam uma sociedade urbana, hierarquizada e complexa, estruturada em torno de uma exploração agrícola intensiva e com uma sofisticada tecnologia hidráulica, contando, além disso, com os dividendos da intermediação comercial transaariana, que fazia do território Garamante um ponto nodal entre a costa mediterrânea e

a África Subsaariana.

A emergência da sociedade Garamante como um relevante objeto de investigação deve ser debitada, por conseguinte, na conta da aproximação cada vez mais intensa da História Antiga com a Arqueologia. A utilização da cultura material como documentação privilegiada é fulcral nas pesquisas atuais dos antiquistas, oferecendo agência histórica a uma série de grupos étnicos antes invisíveis ou mal compreendidos por perspectivas historiográficas logocêntricas e/ou politicamente enviesadas, a exemplo das correntes “colonizada” e “descolonizada” no tocante à História do Norte da África na Antiguidade. Em suma, é hora de ultrapassar, com o auxílio providencial dos aportes documentais adquiridos nas recentes escavações arqueológicas, as tradicionais visões historiográficas ainda hoje existentes nos estudos relacionados à África Antiga.

REFERÊNCIAS

Documentação literária

- APULEIUS. *Metamorphoses*: books I-VI. Translated and introduction by J. Arthur Hanson. London: Loeb Classical Library, 1989.
- APULEIUS. *Metamorphoses*: books VII-XI. Translated by J. Arthur Hanson. London: Loeb Classical Library, 1989.
- CLAUDIUS PTOLEMY. *Geography*. Translated by Joseph Fischer. New York: Cosimo Classics, 2011.
- ESTRABÓN. *Geografía*: libros XV-XVII. Traducción de Juan Luis Garcia Alonso, Maria Paz de Hoz Garcia-Bellido y Sofía torallas Tovar. Madrd: Gredos, 2015.

- HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 2001.
- PLINY THE ELDER. *Natural history*. Translated by John F. Healy. New York: Penguin Books, 2004.
- POMPONIUS MELA. *Description of the world*. Translated by E. F. Romer. Michigan: The University of Michigan Press, 2001.
- SALÚSTIO. *Guerra de Jugurta*. Tradução de Barreto Feio. Rio de Janeiro: Ediouro, s/n.
- TÁCITO. *Anales: libros I-VI*. Traducción de José L. Moralejo. Madrid: Gredos, 2015.
- TÁCITO. *Historias: libros III-V*. Traducción de Antonio Ramírez de Verger. Madrid: Gredos, 2013.

Documentação Arqueológica

- AURIGEMMA, S. *Italy in Africa: archaeological discoveries (1911-1943)*. Volume I: Monuments of decorative art: mosaics. Rome: Istituto poligrafico dello Stato, 1960.
- FANTAR, M. H. et al. *La mosaïque en Tunisie*. Tunis: Alif, 1994.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 1, Synthesis. London: Society for Libyan Studies, 2003.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 2, Site Gazetteer, pottery and other survey finds. London: Society for Libyan Studies, 2007.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 3, Excavations of C. M. Daniels. London: Society for Libyan Studies, 2010.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 4, Survey and excavations at Old Jarma. London: Society for Libyan Studies, 2013.

Obras de Apoio

- BENABOU, M. *La résistane africaine à la romanisation*. Paris: Maspero, 1976.
- BRETT, M. Libya and the Sahara in the history of Africa. In: MATTINGLY, D. et al. *The Libyan desert*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 271-285.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Bellum Iustum em diferentes perspectivas. In: PEDROSA, F. V. G.; SILVA, M. F. A. CODEÇO, V. F. de S. *Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval*. Rio de Janeiro: CEPHIMEX, 2011, p. 11-29.
- CHERRY, D. *Frontier and society in roman north Africa*. New York: Oxford University Press, 2005.
- DUNBABIN, K. M. D. *Mosaics of the greek and roman world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FENN, T. R. et al. Contacts between West Africa and Roman North Africa: archaeometallurgical results from Kissi, northeastern Burkina Faso. In: MAGNAVITA, S. et al. *Cultural and technological developments in frst millennium BC/AD West Africa*. Paris: Africa Magna, 2009, p. 119-146.
- FEVRIER, P. A. *Approches du Maghreb romain*. Aix-en-Provence: Édisud, 1989.
- FINKELPEARL, E. D; LEE, B. T.; GRAVERINI, L. *Apuleius and Africa*. New York: Routledge, 2014.
- GAGNAT, R. *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire sous les empereurs*. Paris: Imprimerie nationale, 1913.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. Algunas reflexiones sobre los límites del olkoumene en el imperio romano. *Gerión*, v. 23, n. 1, p. 271-285, 2005.
- KADDACHE, M. *L'Algérie dans l'antiquité*. Algiers: Société Nationale

- d’Edition et de Diffusion, 1971.
- LAROUÏ, A. *L’histoire du Maghreb*. Paris: Maspero, 1970.
- LEPELLEY, C. Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte. *Heródoto*, n. 1, v. 1, p. 418-437, 2016.
- LIMA NETO, B. M. *Bandidos e elites cidadinas na África romana*. Vitória: Edufes, 2014.
- LIMA NETO, B. M. Paideia e ascensão social na África romana: a biografia de Apuleio de Madaura (séc. II d.C.). *Heródoto*, v. 3, n. 2, p. 72-87, 2018.
- LIVERANI, M. *Agbram Nadarif: a Garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft*. Florence: Society for Libyan Studies, 2006.
- MARICHAL, R. Les ostraca de Bu Njem. *Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n. 123-3, p. 436-452, 1979.
- MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power and identity: experiencing the Roman Empire*. Princeton: Princeton University Press, 2011_a.
- MATTINGLY, D. J. The Garamantes of Fazzan. In: DOWLER, A.; GALVIN, E. R. *Money, trade and trade routes in pre-islamic north Africa*. London: The British Museum Press, 2011_b, p. 49-60.
- MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*. Michigan: The University of Michigan Press, 1994.
- MATTINGLY, D. J.; STERRY, M. The first towns in the central Sahara. *Antiquity*, n. 87, p. 503-518, 2013.
- MATTINGLY, D. J.; WILSON, A. Farming the Sahara: the Garamantian contribution in Southern Libya. In: LIVERANI, M. *Arid lands in roman times*. Roma: Edizioni All’Insegna del Giglio, 2003, p. 37-50.
- MENDES, N. M. Império e romanização: estratégias, dominação e colapso. *Brathair*, n. 7, p. 25-48, 2007.

- MERRILLS, A. H. *Vandals, romans and berbers*. New York: Routledge, 2016.
- MUDIMBE, V. Y. *A ideia de África*. Luanda: Edições Mulemba, 2013.
- OLIVEIRA, J. C. M. de. O forte romano de Gholaiá (Bu Njem). Exército, sociedade e cultura na Tripolitânia romana. In: FUNARI, P. P. et al. *História militar do Mundo Antigo: guerras e culturas*. São Paulo: Annablume, 2012, p. 173-196.
- VEYNE, P. Humanitas: romanos e não romanos. In: GIARDINA, A. (Org.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 283-302.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.
- WOOLF, G. *Becoming roman*. New York: Cambridge University Press, 1998.